

# RELAÇÕES INTER-HUMANAS E ESPAÇOS DE ALTERIDADE NEGADA NO NOVO MUNDO: OS ESCRITOS DE COLOMBO E A VISÃO PRIMEIRA SOBRE A TERRA E SOBRE O OUTRO

Erick Matheus Bezerra Mendonça Rodrigues<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 16/04/2017

Artigo aceito em: 14/07/2017

## RESUMO:

O presente artigo possui como escopo discutir as primeiras percepções sobre o Novo Mundo, especialmente no âmbito da visão espacial sobre as novas terras e da caracterização do seu elemento humano, tendo como base o conceito de alteridade negada. Para tal empreitada, optou-se por metodologicamente efetivar uma análise textual nos escritos do então Almirante do Mar-oceano, o navegador Cristóvão Colombo, visto que estes escritos refletem e prenunciam um conjunto de perspectivas sobre o espaço das *Índias*, desdobradas em um processo de conquista, ocidentalização e numa visão de “esvaziamento” destes espaços. A partir de um debate correlato ao panorama historiográfico inerente à temática, buscamos contribuir com a discussão em torno das relações entre seres humanos e espaços no neófito Novo Mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Novo Mundo, alteridade negada, espaço, Cristóvão Colombo.

## ABSTRACT

The current article's scope is to discuss the first perceptions about the New World, especially on the spatial view ambit regarding the new lands and on its human element

---

<sup>1</sup> Graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestrando pela mesma instituição no campo de História e Espaço. Desenvolve pesquisas voltadas para a área de América colonial, centradas na produção de espaços no século XVI. Link para currículo [lattes](http://lattes.cnpq.br/6168920883929890) <http://lattes.cnpq.br/6168920883929890>

characterization, having the denied alterity concept as background. To such a thing, it has been opted for methodologically effectuating a textual analysis on the then Admiral of the Ocean Sea's writings, the navigator Christopher Columbus, as these writings reflect and bode a set of perspectives about the *Indies* space, unfold in a conquest process, westernization and in a "emptying" view of these areas. Assuming a correlate debate to the historiographic panorama intrinsic to the theme, we seek to collaborate with a discussion around the relations between human beings and spaces in the neophyte New World.

**KEY WORDS:** New World, denied alterity, space, Christopher Columbus.

\* \* \*

### **Introdução:**

Este artigo é oriundo de uma análise textual feita a partir dos primeiros relatos sobre o Novo Mundo; especificamente dos escritos de Cristóvão Colombo, em suas viagens às Índias durante cerca de uma década.

A leitura das fontes fora direcionada principalmente por dois conceitos que se inter cruzam e que, a partir da leitura documental, puderam ser observados na análise e explicitados neste artigo: a "alteridade negada", de Tzvetan Todorov, e o "esvaziamento" de Eduardo Subirats. Não obstante, por momento não nos deteremos nos mesmo, visto que estes conceitos estarão explicitados no corpo do texto, correlatos às fontes que suportam esta análise.

Como procedimento metodológico, optamos por fazer uso específico de um conjunto documental oriundo de um mesmo autor (Colombo), tendo em vista perceber a retórica utilizada pelo navegador para caracterizar a natureza, geografia e seres humanos do que então se intitulou por *Índias*. No entanto, também foram analisadas obras historicamente relacionadas à temática central deste estudo, como a *Bula Inter Caetera*, os *Salvoconductus* e o tratado de Alcaçovas. Estas, no entanto, possuem um viés de importância secundário para a análise. A partir da obra do supracitado navegador, parte hermenêutica (TODOROV, 2010), parte puramente descritiva e ainda, parte narratológica, buscamos entender como Colombo começara

um processo de espacialização, tendo como base o etnocentrismo manifesto e a consequente negação de um espaço de alteridade.

### **Espacialização e alteridade**

Em 04 de maio de 1493, uma bula papal denominada de *Inter Caetera* legitimava os achados territoriais de Cristóvão Colombo no que pensava-se ser algum lugar não preciso da Ásia. O texto validava, em nome de Deus e da Santa Sé, a posse dos Reis Católicos sobre os novos espaços que, segundo a bula alexandrina, deveriam ser conquistadas e incorporadas ao *Orbis Christianus*:

Por tanto, dirigentemente em todo y ante todo para la exaltación y difusión de la Fe católica, como conviene a reys y príncipes católicos, considerásteis, según la costumbre de los reys vuestros progenitores de ilustre memoria y propusisteis, somentar a vosostros, com el favorde la clemencia divina, las tierras firmes e islas ya mencionadas y a sus residentes y habitantes y reducirlos a la Fe católica (DOMINGO, 1994, p. 57).

Desta forma, a bula papal de Alexandre VI preconizava um projeto colonial, uma assimilação de novos espaços e a subjugação dos mesmos pelo poder dinástico imperial dos soberanos Reis Católicos. Além disto, confirmava a primazia da Igreja como instituição diplomática e legitimadora do poder imperial para a anexação de outros espaços e, sobretudo, do seu elemento humano.

A ideia de um império universal, que une a exploração material a um afã cristianizador, promotor da aculturação dos povos a ele submetidos, será característica premente da colonização espanhola da América. Desta forma, formava-se uma estrutura de exploração centrada no

Descubrimiento y ocupación territorial de un continente entero, el despojo y avasallamiento de sus habitantes y el aprovechamiento de los recursos naturales, al tiempo que la propaganda de la fe y la acción civilizadora a la par que la vigilancia doctrinal (SUBIRATS, 1994, p. 70).

Este processo fora definido pelo autor supracitado como um processo de “esvaziamento”, que nada mais é que a visão da América como “tierra de promisión y lugar de expolio y saqueo, um mundo nuevo, em fin, que había que explotar y nombrar de nuevo, sujetar e transformar: um continente vacío” [...] (SUBIRATS, p 61, 1994). Sendo assim, o processo que culminaria com o estabelecimento,

oficialização e exploração por parte da Igreja e da Coroa, dos espaços descobertos, teria como gênese o ato inicial de navegação, encontro e tomada de posse efetivado em 1492 pelo navegador genovês Cristóvão Colombo. Entendemos, adotando a ideia de esvaziamento, que os escritos de Colombo prefiguram esta visão para com este conjunto de espaços que à época das primeiras navegações, ainda eram imprecisos e pouco conhecidos.

Faz-se necessário, portanto, destacar que a interação inicial, a partir da primeira viagem de Colombo, fundou formas de perceber e pensar um espaço até então desconhecido, assim como os grupos humanos que o permeavam. Em virtude disto, observa-se como, concomitante à formação de uma perspectiva espacial nova, a partir da ideia de descoberta e incorporação de terras que seriam inicialmente tidas como as “Índias”, formou-se progressivamente a ideia de um espaço diferenciado e homogêneo, um Novo Mundo (FERNÁNDEZ-ARMIESTO, 2004), embora rejeitada por Cristóvão Colombo como tal<sup>2</sup>. Paralelo a este processo, a visão sobre o ameríndio transmutasse entre um assimilacionismo forçoso e uma diferenciação deletéria (TODOROV, 2010). Cria-se, portanto, já nos contatos iniciais, um espaço de alteridade negada<sup>3</sup>. Esta alteridade é marcada, segundo a perspectiva de Emmanuel Lévinas, pela responsabilidade do eu sobre a liberdade do outro:

A passividade pura que precede a liberdade é responsabilidade. Mas a responsabilidade que não deve nada à minha liberdade é minha responsabilidade pela liberdade dos outros. Lá onde eu teria podido permanecer como espectador, eu sou responsável, em outros termos, tomo a palavra (LÉVINAS, 2009, p. 77).

---

<sup>2</sup> Acreditando ter chegado próximo a Cipango ou perto dos domínios do Grande Khan, Colombo não percebe tratar-se efetivamente de terras até então desconhecidas por completo do espírito europeu de sua época. Esta revelação ficaria popularizada por Américo Vespúcio em sua carta *Mundus Novus*, em 1505.

<sup>3</sup> Para o seguinte artigo, utilizaremos o conceito filosófico de “alteridade”, compreendida como a relação de percepção construída entre o Eu e o Outro; uma relação de reconhecimento e de visibilidade. Esta perspectiva é trabalhada, dentro com campo da filosofia, por Emmanuel Lévinas em LÉVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993. entre outras obras. Esta temática fora adequada às relações euro-indígenas na América por DUSSEL, Henrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. e TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Desta forma, a alteridade apresentar-se-ia como proposta de ação, de reconhecimento do Outro numa relação onde “A deposição da soberania do *eu* é a relação social com outrem, a relação des-inter-essada” (LÉVINAS, p. 43).

Opondo-se à alteridade como ação de reconhecimento, visibilidade, diálogo e que conota responsabilidade para com o Outro, a conquista e formação de espaços na chegada europeia ao Novo Mundo apresenta-se como processo no qual predomina, sobremaneira, a coerção como forma de dominação e a subjugação cultural como forma de assimilação.

Neste contexto, produzem-se espaços onde, nas relações sociais que o permeiam, rejeita-se à alteridade. Forma-se assim uma correlação inexorável entre as formas de espacialização promovidas pelo poder conquistador e as formas de pensar e tratar as populações ameríndias que permeavam estes espaços.

#### **A travessia do Atlântico e as viagens de exploração de Cristóvão Colombo.**

Historicamente, podemos datar oficialmente os primeiros contatos entre ameríndios e europeus no ano de 1492, quando no dia 12 de outubro a armada do Almirante do Mar-oceano, Cristóvão Colombo, chega à ilha Guanahani, que passará a se chamar *San Salvador*. Esta marca temporal, além de datar a chegada da expedição de Colombo ao desconhecido Novo Mundo, marcará um verdadeiro encontro civilizacional. Este primeiro contato entre culturas extremamente distintas iria desembocar em consequentes pré-julgamentos, idealizações e, claro, estranhamento. Começara neste momento indelével, um profundo relacionamento entre uma cultura ibérica fortemente cristã e um universo sociocultural amplamente distinto, a cultura do Outro, que homogeneamente qualifica-se como “mundo ameríndio”, mas que em seu particularismo se mostrará amplamente diversificado e heterogêneo, englobando uma enorme pluralidade de grupos étnicos e linguísticos com amplas diferenças culturais entre si.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Não existe uma estimativa incontestável para quantos milhões de habitantes haviam na América no momento da chegada de Cristóvão Colombo, no entanto, estes milhões de habitantes se subdividiam em centenas de grupos étnico-linguísticos que se estendiam da Patagônia ao Alaska.

Em sua primeira expedição, Cristóvão Colombo logra, após penosa tentativa, agravada por uma contida rebelião de marinheiros, transpor o *Mar Tenebroso* e percorre a costa de Cuba e de Hispaniola, onde perde a nau Santa Maria. Mantendo relações amistosas com os nativos locais e, em especial, com o cacique Guacanagari, Colombo fixa na região costeira uma pequena guarnição de trinta e nove homens, fundando a pequena colônia de *La Navidad*<sup>5</sup>. Julgando ter cumprido seu primeiro e mais importante objetivo (encontrar uma rota para o Oriente), Colombo volta para a Espanha com um pequeno butim que incluía especiarias, ouro, matérias-primas exóticas e nativos.

A segunda viagem, efetuada em 1493 encontra devastada a neófito aldeia de *La Navidad*. Doenças, intrigas internas e conflitos com os indígenas dizimaram os colonos. Colombo continua resoluto; funda *Isabela*, que viria a se tornar São Domingo, o primeiro e efetivo empreendimento colonial europeu no continente; após isso, parte para o Caribe e bordeia a Jamaica. Na terceira viagem, logra chegar à América do Sul, que julga ser uma região do continente asiático, descobrindo a foz do rio Orinoco, onde hoje é a Venezuela, próximo de onde crer estar o paraíso terrenal<sup>6</sup>. No entanto, desafortunado, Colombo entra em conflito com as autoridades coloniais em São Domingos e volta algemado para Castela.

Na sua quarta viagem, Colombo bordeia a costa da América Central, retornando a Hispaniola e tomando rumo em direção à Espanha. Não conseguira encontrar o Grande Khan, nem descobrir substanciais fontes de riqueza mineral. No entanto, abriu caminho para a navegação de um novo espaço terrestre até então desconhecida pelos europeus: a “quarta parte” do mundo. A globalização,

---

<sup>5</sup> *La Navidad* é a primeira tentativa de ocupação direta dos espaços do Novo Mundo. Uma pequena tentativa de se colocar como poder efetivo neste novo espaço e, conseqüentemente, uma frustrada tentativa de dominá-lo. Para ver sobre as primeiras expedições e formais iniciais de ocupação ver BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia, 1492-1550**. São Paulo: Edusp, 2001.

<sup>6</sup> “[...]e eu afirmo que esse rio emana do Paraíso terrestre e de terra infinita, pois do Austro até agora não se teve notícia, mas a minha convicção é bem forte de que ali, onde indiquei, fica o Paraíso terrestre, e em meus ditos e afirmações me apoio nas razões e autoridades supracitadas” (DCOLOMBO, 1998, p. 160).

acompanhada por um processo beligerante de ocidentalização, atingia um novo patamar (GRUZINSKI, 2004). Tais feitos não livraram o velho navegador da ignomínia. Perdera parte de sua credibilidade nas vicissitudes de uma vida de duras missões e objetivos penosos. A morte, em 1504, de Isabel, A Católica, retirara parte da influência de Colombo junto à corte. Colombo estava desgastado por uma vida de aventuras e desventuras; o seu maior legado já fora herdado: um caminho para a América tinha sido aberto, e uma turba de navegadores, corsários e piratas seguiam a rota traçada pelo genovês. Parcialmente esquecido e negando ter se enganado quanto a ter chegado à Ásia, Colombo retira-se para uma vida sem maiores aventuras até seu fim. Morre aos 55 anos, não desprovido de riquezas, em Valladolid (1506).

### **Espaços de alteridade negada: o Eu e o Outro no Novo Mundo**

Enquanto as naus castelhanas aportavam em Guanahaní, os seus ocupantes pensavam e produziam espaços. Os espaços são formados sobretudo por ocupações e simbolizações; ocupações estas mais ou menos duráveis, geralmente por sobre a superfície da terra, à qual delimitam, atribuem significados e constroem uma materialidade (MORAES, 2008).

Parece por demais evidente que os europeus não pensavam o espaço da mesma forma que os ameríndios. Os discursos de Colombo sobre o espaço das terras nas quais aportara são bem significativos quanto a isso: o Almirante analisa, escrutina, propagandeia, mas também cria, realiza (com o poder dos gestos e das palavras), simboliza e inicia a gênese de um espaço extra europeu. Em 29 de outubro, ao sair de uma ilha à outra, Colombo escreve “Viu um rio, cuja foz não era tão grande e ao qual deu o nome de ‘la Luna’. Viu outro, bem maior que os demais, em cujas cercanias havia bons povoados de casas: chamou-o de ‘rio de Mares’”<sup>7</sup> (COLOMBO, 1998, p. 59).

---

<sup>7</sup> As fontes primárias, que dizem respeito aos escritos e reflexões de Cristóvão Colombo, foram retiradas da reunião de suas obras contidas em COLOMBO, Cristóvão, 1450-1506. **Diário das descobertas da América**: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Destaca-se a capacidade de Colombo de dar nomes. Nomear é, pois, segundo a própria tradição bíblica, uma forma de dominar<sup>8</sup>. Nomear é uma ação ativa de simbolização; de significação de um elemento específico, incorporado e integrado à determinada lógica linguística e cultural. É neste contexto que o Almirante prossegue, ainda no dia 29, dizendo: “Marcou a posição do rio e do porto, dando-lhes o nome de “San Salvador”” (COLOMBO, 1998, p. 59). Às denominações indígenas, dá-se um entendimento vago. Geralmente os nomes indígenas são interpretados a bel prazer, passando então a significar exatamente aquilo que os europeus desejavam que significassem:

[...] logo partirei a circundar esta ilha até conseguir falar com o cacique e ver se posso obter dele o ouro que ouço dizer que usam, e depois partir para outra ilha vastíssima, que acho que deve ser Cipango, segundo os sinais que fazem esses índios que viajam comigo, à qual chamam de "Coíba", e de uma outra a que dão o nome de "Bosio". E as que ficam no meio verei logo assim, de passagem, e conforme descubra vestígio de ouro ou especiarias, resolverei o que hei de fazer (COLOMBO, 1998, p. 56-57).

Assim, os nomes que, nas línguas indígenas, os seus falantes pronunciam, sugestionam, para Colombo, espaços já concebidos. As palavras são rapidamente repensadas e ressignificados para adequarem-se à lógica cultural dos descobridores. Mas a linguagem não é a única ferramenta de ação neste processo de gestação de espaços.

Deve-se lembrar, e isto parece ser de fundamental importância, o papel específico da Igreja na oficialização e legitimação dos espaços encontrados. O cristianismo ascendia então como força motriz de uma ação de construção de espaços. Tais características prestam-se a elucidar o que Subirats denominara de “teologia da conquista” (1994), um processo no qual o sacro e profano misturam-se. A fé praticada pelos conquistadores é o combustível para uma “acción pedagógica de instrucción, sujeción violenta y resuelto no-reconocimiento de cualquier outra forma de vida

---

<sup>8</sup> O homem dá nomes às demais criaturas, pois é o mais proeminente na escala da criação: Gêneses 1:19-20.

diferente de la Cristiana” (SUBIRATS, 1994, p. 72). Esta assertiva pode ser evidenciada na seguinte passagem, do dia 16 de novembro de 1492:

Como em tudo quanto é lugar, ilhas e terras por onde passa sempre deixa fñcada uma cruz, entrou no barco e foi até à foz daqueles portos. E numa ponta de terra encontrou dois enormes pedaços de madeira, um maior do que o outro, e, colocando-os um sobre o outro, fez uma cruz tão proporcional que diz que nenhum carpinteiro seria capaz de fazer semelhante. E, adorada essa cruz, mandou fazer da mesma madeira outra igual, ainda maior e mais alta (COLOMBO, 1998, p. 66).

Esse caráter idiossincrático da conquista e produção de espaços pelos europeus não o é, de simples maneira, apenas idealização da profunda religiosidade de Colombo, mas uma tendência cultural e uma proposição de poder, baseada na fé católica e no seu forte bastião político, a monarquia ibérica de Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Desta forma, uma operação deste tipo já se anunciava quando nos *Salvoconductos*<sup>9</sup> dados pelos Reis Católicos a Colombo afirmava-se que “Enviamos a Cristóbal Colón com três carabelas por el Mar Océano hacia Indias, por algunos asuntos que tocan al servicio de Dios y la expansion de la Fe Católica y a nuestro beneficio y utilidade” (DOMINGOS, 1994, p. 52). Visto isto, nota-se que uma proposta de ação referente aos espaços que viriam a ser produzidos com os descobrimentos, já havia, de certa forma, sido preconizada antes do conhecimento objetivo dos mesmos. Esta proposta seria basilar para determinar a forma pela qual os ibéricos iriam pensar, administrar e institucionalizar os espaços do Novo Mundo como parte de um império universal, permeado por povos que, coercitivamente, tornar-se-iam súditos de uma Coroa além mar.

Colombo, portanto, não era apenas um mero explorador, mas o arauto de uma ordem cosmológica e política ímpar. Prenunciava um processo de conquista e submissão de culturas, concomitante à formação de estruturas coloniais e à

---

<sup>9</sup> Os *Salvoconductos* possuíam como objetivo servir a Colombo como uma carta de recomendação caso necessitasse mostrar o caráter oficial da expedição, sobretudo para algum outro poder régio, esperadamente, o do Grande Khan. Para consultar a fonte, ver DOMINGO, Mariano Cuesta (ed.). **Normativa para descubrimientos y ordenanzas del Bosque de Segovia**. Madrid: Colegio Universitario de Segovia, 1994.

incorporação dos elementos humanos que ali habitavam. Em outras palavras, estabelecia-se, já em 1492, um projeto colonizador, com um objetivo difuso, que sofreria reestruturações por toda sua história, visto as vicissitudes e contingências da América colonial. Colombo começa a modelar, portanto, uma nova estrutura espacial, imprecisa e não muito organizada nos primeiros anos, mas depois rigidamente estruturada. Desta forma, a chegada do Almirante do Mar Oceano com suas três naus à esta desconhecida parte do mundo, significaria a “criação de uma nova estrutura nas terras incorporadas ao patrimônio da sociedade que se expande, uma estrutura articulada com os interesses da expansão, comumente localizada no centro difusor original” (MORAES, 2008, p. 63).

A criação de espaços é, portanto, pautada por um substrato cultural europeu que nomeia como forma de possuir; baseia-se num pressuposto de conquista e conversão à fé católica, e utiliza seu imaginário para estruturar espaços pragmáticos e míticos, destruindo e obliterando as antigas formas autóctones de espacializar<sup>10</sup> (GRUZINSKI, 2004).

No mais, cabe destacar um fator que perpassa toda esta estrutura de produção de espaços: o índio. Figura recorrente e largamente abundante nestas paisagens caribenhas, o elemento humano será pensado e categorizado como parte integrante da paisagem que os europeus evidenciam quando aportam (TODOROV, 2010). O espaço do Índio é pensado, sempre, em referenciais espaciais europeus. É, por exemplo, significativo que Colombo no dia 23 de outubro de 1492 tenha escrito que “Hoje queria partir para a ilha de Cuba, que acho que deve ser Cipango. E, no entanto, não soltei nem solto vela, pois não tem vento, só a mais absoluta calma, e chove muito” (COLOMBO, 1998, p. 57). É intrigante perceber como este pequeno

---

<sup>10</sup> A América viraria o referencial de Paraíso terrenal, segundo o próprio Colombo. Outras várias utopias criam-se em torno desta singular parte do mundo. Para além disto, a estruturação de novos territórios a serem utilizados materialmente e colonizados espiritualmente, desmantelam atávicas estruturas socioculturais indígenas, criando novas estruturas numa rede de relações de poder. Para mais, ver GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

fragmento elucidada como o autor pensava o espaço em sua narrativa: sem demonstrar demais interesse por como o aborígine percebe o mundo que o rodeia, supôs estar próximo à Cipango (Japão), além de perceber a ilha da qual saíra (Cuba)<sup>11</sup>, como um espaço dado, unitário e absoluto em sua geografia. Até hoje a dita ilha conserva a denominação. A forma “colombiana” de pensar, nomear e determinar o espaço perpetuara-se.

O espaço, no entanto, não pode ser pensado em separado dos seres humanos que o permeiam. A produção de um espaço de colonização, pautada desde seu início no conflito e na subjugação, faz desfalecer a proposta de alteridade. O espaço formando a partir de 1492 é um espaço hierárquico, construído sobre a égide do poder ocidental segundo o qual, “Uma vez reconhecidos os territórios, geograficamente, passava-se ao controle dos corpos, das pessoas [...]” (DUSSEL, 1993, p. 43). É no campo de força da formação dos espaços das descobertas que a questão da alteridade será posta. Analisemos melhor.

A formação dos espaços no Novo Mundo com a chegada europeia em 1492 é baseada em todo um conjunto já citado de dogmas profundos, relações de poder e experiências ativas do europeu com o espaço. O universalismo cristão e a égide do poder real eram, portanto, elementos prementes na criação de espaços. Ora, estes elementos supracitados englobam mundos de sentidos basicamente voltados para uma lógica profundamente etnocêntrica, que repele ou rejeita o Outro, ao mesmo tempo que busca assimilá-los a si mesmo<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Refira-se a um elemento específico da língua indígena local, ou a algum elemento da linguagem europeia, o nome Cuba tornar-se-ia a forma de entender o espaço contíguo de toda a ilha. Os caraíbas percebiam a mesma como um todo, unitário, dessacralizado e contínuo, ou projetavam os seus espaços de acordo com sua visão de mundo sacralizada? Esta pergunta não vem à mente de Cristóvão Colombo ao denominar e especificar a porção de terra como “Cuba”, uma estrutura espacial que tornar-se-ia umas das bases da colonização ibérica.

<sup>12</sup> Esta dupla experiência talvez encontre uma ótima exemplificação na controvérsia de Valladolid entre Juan Ginés de Sepulveda e Bartolomeu de Las Casas. Para mais, ver o a parte III (Amar) e IV (Conhecer) do livro TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Para além disto, a formação de espaços de exploração material prenunciam uma contradição:

Propagar a religião significa que os índios são considerados como iguais (diante de Deus). E se eles não quiserem entregar suas riquezas? Então será preciso subjuga-los, militar e politicamente, para poder toma-los à força; em outras palavras, coloca-los, agora do ponto de vista humano, numa posição de desigualdade (inferioridade). (TODOROV, 2010, p. 62).

Colombo, com seus emblemáticos feitos, daria início a este processo. A terra apresentava-se, então, como um espaço potencial. Mítica, mas objetivamente real. A utilização material dos recursos oriundos da conquista era um ponto central da expedição. Entre estes potenciais recursos, está o elemento humano.

No entanto, utilizar tais recursos requeria a condição de posse, a legitimação de si mesmo como senhor incontestado daquele espaço e dos seus elementos constituintes. Quanto a isto, o único impedimento formal, na perspectiva do explorador europeu, seria a requisição ou contestação feita por outro reino dinástico europeu. Quanto a isto, podemos vislumbrar que a tomada e formação institucional de espaços era restrita apenas pelos disparates diplomáticos e disputas geopolíticas da época. Pouco importava a condição ou vontade autóctone quanto à exploração e usufruto da sua terra. A verdadeira legitimação vinha, *A priori*, da Santa Sé e, em seguida, das demais casas reais. Faz-se interessante evocar o tratado de Alcaçovas, que se propunha a resolver as querelas ibéricas entre os Reis Católicos e Alfonso V:

Otrosí, quisieron mas los dichos señores Rey e Reyna de Castilla e de Aragón e de Sicilia, etc., e les plugo para que esta paz sea firma, estable e para sempre duradera, e prometieron [...] non turbarán, molestarán [...] los dichos señores Rey e Príncipe de Portugal nin sus reynos, la posesión e casi posesión en que están en todos los tratos, tierras [...] e todas as islas que agora tiene descubiertas e qualesquier islas que se fallaren [...] (DOMINGOS, 1994, p. 43).

A recíproca portuguesa segue a mesma retórica. Escrito em 1479 e retificado em 1480, este documento régio institucionaliza espaços já efetivamente conquistados<sup>13</sup>, como estabelece a formalização de posse de outros que porventura

---

<sup>13</sup> Canárias (1333), ilha da Madeira (1419), Açores (1439), Cabo Verde (1446) e Guiné (1446).

virão a ser descobertos. Este documento é precursor de uma lógica de conquista, pautada numa legitimidade extrínseca aos espaços conquistados.

Desta forma, quando Colombo escreve em seu diário que, quando da chegada

[...] pediu que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da dita ilha em nome de El-Rei e da Rainha, seus soberanos, fazendo os protestos que se requeriam, como mais extensamente se descreve nos testemunhos que ali se procederam por escrito (COLOMBO, 1998, p. 46),

o mesmo buscava institucionalizar um espaço descoberto, oficializando a criação de um novo espaço para a Coroa e para a Igreja, em detrimento dos indígenas que o rodeavam. Uma relação impositiva e etnocêntrica estabelece-se como alternativa a um espaço de alteridade.

Neste contexto, desenvolve-se o que há de mais peculiar à conquista da América: a forma como se vê o Outro; aquele que lhe é estranho, parcialmente, e que em suas diferenças é um indivíduo totalmente diferente das suas condicionalidades socioculturais. Não obstante, o modo como se vê o Outro determinará, para o europeu, a forma pela qual lidar com o ameríndio. Neste caso, não há homogeneidade. A conquista como emancipação (o indígena, retirado de sua bestialidade, agora se enquadraria, através da prodigalidade europeia, na comunidade dos povos civilizados), de Ovando; a conquista como utopia, de Vasco de Quironga; e a conquista como processo destrutivo e maléfico de Bartolomeu de Las Casas são, em si, perspectivas diferentes - e eurocêntricas - sobre um mesmo processo, pensadas por homens que foram contemporâneos da conquista e dominação do Outro<sup>14</sup> (DUSSEL, 1993). As profundas variações mentais pautaram variadas formas de relação com os ameríndios na América. Predominantemente podemos destacar a preponderância da incompreensão sobre a lógica cultural e espacial do autóctone. Quanto a isto, a gênese

---

<sup>14</sup>Enrique Dussel trata de cada uma dessas perspectivas mais pormenorizadamente em DUSSEL, Henrique. **1492 : o encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. Na obra, vê-se como partindo de uma perspectiva etnocêntrica, formaram-se diferentes concepções sobre como pensar e lidar com o universo cultural e social indígena.

desta relação, como supracitado, encontra-se nas ações e palavras de um genovês que, pela sua intrepidez, inaugurara este processo.

### **Colombo e os primeiros contatos com o Outro**

O estabelecimento de um espaço de alteridade negada está em primeiro plano no processo de descobrimento do Novo Mundo. À terra é dada importância material, seguida de uma produção simbólica do espaço (através da linguagem, da ocupação etc.). Já referentes aos homens que habitavam este espaço em formação, as ações e deliberações dos invasores não se restringem a pensar os usos pragmáticos da exploração de suas forças (embora este aspecto esteja abertamente colocado, como veremos). Pensar o Outro exige mais que um racionalismo prático. Uma série de concepções culturais determinariam a relação estabelecida entre Cristóvão Colombo e seus subordinados, e os primeiros nativos com os quais estabeleceram contato. É provável que, em encontros deste tipo, duas reações bem correlatas se manifestem: primeiro surge o deslumbre, depois o estranhamento.

Ao encontrar-se com quem acreditava ser populações do Oriente, Colombo parte para o campo conjectural, inferindo sobre os caraíbas de forma pouco criteriosa. O Outro é o estranho, o desconhecido, e Colombo experimentará essa perspectiva em relação ao índio em seus primeiros contatos. Vejamos e analisemos o primeiro relato de Colombo em relação aos nativos:

Eu – diz ele porque nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e converteriam a nossa fé pelo amor e não pela força, dei a alguns deles uns gorros coloridos [...] o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha [...] Enfim, tudo aceitavam e davam tudo o que tinham com a maior boa vontade. Mas me pareceu que eram gente que não possuíam praticamente nada (COLOMBO, 1998, p. 46).

O primeiro encontro, as primeiras concepções. Primeiramente, levemos em consideração o cunho religioso da ideologia de Colombo e, dentro deste, um aspecto

sobressalente: a conversão. Tal perspectiva não se fazia apenas justificativa da expedição mas, segundo Colombo, uma das causas primordiais da mesma<sup>15</sup>.

Quanto a isto, não podemos ignorar os discursos inflamados de Colombo, que clamava pela libertação da Terra Santa. As aventuras nas Índias eram, sugestivamente, um meio de angariar recursos para o obsoleto ideal cruzado, explicitamente presente no espírito do genovês. Desta forma, Colombo escreve em seu testamento:

[...] e porque na época que me dispus a ir descobrir as Índias foi com a intenção de suplicar ao Rei e à Rainha, Nossos Soberanos, que da renda que sua majestade obtivesse nas Índias, se determina-se empregá-la na conquista de Jerusalém, e assim procedi (COLOMBO, 1998, p. 180).

A religiosidade de Colombo ajuda-o a interpretar e entender suas descobertas e achados. Sua religião é certamente a melhor, mais sincera e mais verdadeira que existe. Seu espírito inabalável de devoção o leva a sonhar com a retomada da Terra Santa, ideal abandonado desde o século XIV pelas monarquias europeias, mais preocupadas com o avanço do império turco-otomano nos Balcãs e com seu crescente controle sobre o Mediterrâneo. Este espírito cruzado não hesitará em converter ao cristianismo os povos que encontrar, sendo estes pagãos ou, como acreditava Colombo, destituídos de religião. Este aspecto da ideologia religiosa de Colombo leva Todorov a sugerir que “[...] sua forma de religiosidade era particularmente arcaica [...] um traço da mentalidade medieval de Colombo que faz com que ele descubra a América e inicie a era moderna”<sup>16</sup> (TODOROV, 2010, p. 16). Não obstante, seria

---

<sup>15</sup> A perspectiva salvacionista era a ponta de lança da aculturação dos povos recém-descobertos no processo de expansão ultramarina europeu. Quanto à concepção cristã de Colombo, ela se enquadra amplamente nesta visão religiosa legitimadora da conquista. Por acaso não citara Colombo aos reis católicos a tentativa de cumprir a vontade do Grande Khan, expressa por Marco Polo e pelos missionários franciscanos, de levar missionários e evangelizadores da fé cristã ao seu reino? O salvacionismo encontrará, posteriormente, espaço de ação na América, atuando lado a lado com a subjugação das sociedades indígenas e agindo ativamente na ressignificação dos símbolos culturais ameríndios e do seu imaginário. Para melhor analisar o tema ver GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>16</sup> Para Dussel, “[...] a Modernidade é realmente um fato europeu, mas em relação dialética com o não-europeu como conteúdo último de tal fenômeno. A Modernidade aparece quando a Europa se afirma como ‘centro’ de uma História Mundial que inaugura, e por isso a ‘periferia’ é parte da sua própria definição (DUSSEL, 1993, p.7).

falho esquecer que, no que diz respeito à efetivação da conquista ibérica sobre o Novo Mundo, a legitimação e efetuação da mesma fora fortemente fundamentada numa lógica de guerra santa, forjada nos séculos de guerra de reconquista dos cristãos ibéricos contra os mouros. No mais, a perspectiva “colombiana” prefigura a implementação da supracitada “teologia da conquista”. O que Colombo enuncia será, posteriormente, o objetivo primordial das formas de catequese implementadas sobre os indígenas. Estas, segundo Subirats, buscavam instituir

[...] el nuevo hombre: um sujeto vacío pero virtualmente libre, dependiente realmente de las instancias políticas y eclesiásticas que lo sometían a la servidumbre y la miséria, pero teoricamente redimido em la fe, através de la culpa y su redención sacramental (SUBIRATS, 1994, 76).

O espaço em formação é, também, um espaço de conversão e submissão. Primeiro esvazia-se o sujeito, depois preenche-se o vazio com a cruz. O espaço de alteridade negada, nega também o espiritualismo do Outro.

A suposta amabilidade, a gentileza e a aparente “inocência” e condescendência indígena foram, de antemão, tidas como bons sinais na perspectiva de Colombo. Indígenas apaziguados, não violentos, que se contentavam com quinquilharias e que logo se tornaram “amigos”; por que não aceitariam de bom grado à fé cristã? Colombo prossegue em sua descrição:

Andavam nus como a mãe lhes deu a luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa [...] (COLOMBO, 1998, p. 47).

Os índios também são julgados pelas suas aparências físicas e pelos seus modos de vida. O fato de que “andavam todos nus” impressiona o olhar observador do Almirante, que vê nisso algo exótico e diferente dos moldes socioculturais europeus. Esta observação ocorre tanto em relação aos seus costumes, quanto em relação à tonalidade da pele e à forma dos corpos indígenas. Não por menos, os primeiros nativos a “dialogarem” com Colombo receberam vestimentas. A nudez indígena é totalmente oposta à perspectiva católica de pudor corporal.

A aculturação inicia-se. Os conquistadores veem em sua cultura um modelo universal de comportamentos. Em vista disto, o homem dos trópicos, que não hesita em utilizar-se da nudez como elemento cultural, é pensando como desprovido de moralidade. Não seria seu arcabouço cultural fortemente distinto dos ideais da cultura europeia? Não seriam seus modos de vida adequações viáveis às condições ambientais pertinentes? O olhar do europeu sobre o Outro não permitirá que tais questionamentos surjam em suas mentes. Em contrapartida, um julgamento pretencioso quanto à inocência e moralidade dos nativos é formulado. Seria a América o único lugar a ainda presenciar a “era de ouro” da humanidade, onde os homens andavam em pura inocência? Uma América utópica e quase etérea é produzida e projetada pelo imaginário europeu<sup>17</sup>. A “edenização” (HOLANDA, 1969) é concomitante à conquista das terras do Novo Mundo. Quanto a esta idealização de um espaço outro, fora dos referenciais comumente encontrados dentro de uma perspectiva espaço-temporal europeia, Tuan fala:

A mente europeia também imaginou as Terras sem mal, Édens e Utopias eternas em lugares remotos e inacessíveis. Quando os europeus, em suas grandes explorações marítimas, descobriram povos exóticos e cultas nos cantos mais longínquos do mundo, tenderam a romantizá-los e colocá-los fora do peso e da erosão do tempo (TUAN, 2013, p. 151-152).

O Novo Mundo e os seus habitantes surgiam, respectivamente, como espaços e homens pertencentes a uma realidade outra, fora da esfera das experiências vivenciadas dentro do mundo europeu.

Os europeus veem o Outro sob uma lógica preestabelecida ou rapidamente modulada pelos seus referenciais culturais. Tal lógica se adequa ao imediato, fornecendo subsídios de como lidar com o que lhes é estranho e desconhecido.

---

<sup>17</sup>[...] para numerosos viajantes, o cenário americano estava repleto de misteriosas e inegáveis possibilidades. Ali, o milagre parecia novamente incorporado à natureza: uma natureza ainda cheia de graça matinal, em perfeita harmonia e correspondência com o Criador. O próprio Colombo, sem dissuadir-se de que atingiria pelo Ocidente as partes do Oriente, julgou-se em outro mundo ao avistar as costas verdejantes da América, onde tudo lhe dizia estar a caminho do verdadeiro Paraíso Terreal. As mesmas imagens bíblicas, reafirmadas pelos cosmógrafos mais acreditados da época, acharia Colombo em seu desembarque nas Antilhas: terras de fertilidade inaudita, árvores de copas altíssimas, fragrantas e carregadas de frutas, a eterna primavera musicada pela alegria dos cantares de pássaros de mil cores (HOLANDA, 1969, p. 37).

Assim, cogitam seu código de valores junto ao mundo indígena. O índio é “tolo” por dar grande crédito aos presentes sem grande valor ofertados pelos europeus. Colombo e os seus não entendem que, para o índio, tais objetos adquirem valor pelas suas características inovadoras e não pelo material com o qual foram fabricados ou pelos valores simbólicos e materiais que os espanhóis estabeleceram para tais objetos. Sua susceptibilidade para dar e receber mercadorias, por outro lado, fora julgada como fator de “amizade”, e sua alegria com objetos até certo ponto banais, fora julgada como “inocência” pelos descobridores. A “gente que não possuía praticamente nada”, na verdade, ignorava a acumulação de bens materiais e a aquisição de propriedades privadas, tal como os europeus concebiam. A lógica econômica europeia e o ideal metalista eram elementos desconhecidos pelos *Arawaks* do Caribe. Já seu aparente “primitismo civilizacional” faz Colombo pensar que, dentro desta sociedade, como já foi dito, não havia sequer religião:

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que, depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossa Majestade, para que aprendam a falar. (COLOMBO, 1998, p. 47).

Ao analisar superficialmente as qualidades do Outro, Colombo os subestima e, ao os subestimar, analisa erroneamente seus traços de personalidade: são bons como criados e aparentemente não têm devoção a qualquer divindade. Uma rápida análise basta a Colombo para que o mesmo afirme com indômita certeza sobre traços relevantes de uma sociedade indígena que vagamente conhece. Começara a idealizar-se, na cabeça do europeu, uma estigmatização do indígena que perduraria duradouramente: a ideia do índio “bom, dócil e covarde” surgia; mas em breve esta perspectiva seria contraposta por outra idealização dos nativos, mais negativada:

[...] as outras ilhas as dos canibais são muito maiores e bem mais povoadas, pareceria aqui que capturar, tanto eles como elas, e enviá-los aí para Castela só poderia fazer bem, porque se livrariam, de uma vez por todas, desse costume desumano que têm de comer gente, e aí em Castela, entendendo a língua, receberiam bem mais rápido o batismo, com grande proveito para suas almas (COLOMBO, 1998, p. 133).

Em oposição aos receptivos índios que inicialmente encontra, a antropofagia dos outros grupos apresenta-se como elemento antitético em relação ao indígena “dócil” e “covarde”, tal como Colombo os representava a partir das suas experiências e interpretações. Estes “selvagens” são, portanto, postos em primeiro plano da prática da conversão. A aculturação da alma libertá-los-ia dos costumes antropofágicos.

Colombo não busca estudar e compreender a sociedade nativa. Ele não busca traçar um quadro preciso, analisar ou descrever fielmente o que há e quais características singulares estão presentes nesta sociedade humana recém descoberta. O almirante do Mar-Oceano prefere analisar as ricas proezas naturais da terra. Busca também ouro, necessário para quitar os gastos da sua empreitada. Junto a isto, Colombo olha para o Outro e o julga, tirando deste julgamento pressuposições e encontrando, na relação entre si e os indígenas, uma extravagante diferença, um abismo cultural, que apenas pode ser transposto com a assimilação. O preceito da diferença será acompanhado, ao mesmo tempo, de um preceito de igualdade: o Outro é seu igual, no que diz respeito à possibilidade de purificar sua alma perante a aceitação da cruz (TODOROV, 2010). Ora, não nos esquecemos do universalismo e igualitarismo cristão, características centrais desta religião. Não seria a religião cristã assimilável a “todo o que crê”?

Ao mesmo tempo em que o igualitarismo da lógica cristã os aproximava, na perspectiva do Almirante, o Outro (índio) não era o mesmo que Si (europeu); ao contrário, é o estranho, o diferente, que por sua brandura pode ser facilmente subjugado e, portanto, está, pelas suas qualidades culturais (ou falta delas), em posição inferior aos possuidores da cultura europeia. A diferença gerará o sentimento de superioridade, a superioridade se transformará em ação e a ação dos descobridores tirará aquilo pelo qual o índio preza, o seu modo de existir, a sua liberdade e cultura. Estamos diante de um preceito ambíguo, analisando por Todorov:

A atitude de Colombo para com os índios decorre da percepção que tem deles. Podemos distinguir nesta última dois componentes, que continuarão presentes até o século seguinte [...] Ou ele pensa que os índios (apesar de não utilizar estes termos) são seres completamente humanos, com os mesmos direitos que ele [...] e este comportamento desemboca no

assimilacionismo, na projeção dos seus próprios valores sobre os outros. Ou então parte da diferença, que é imediatamente traduzida em termos de superioridade e inferioridade [...] Estas duas figuras básicas da experiência da baseiam-se no egocentrismo, na identificação dos seus próprios valores como os valores em geral, de seu *eu* como o universo; na convicção de que o mundo é um (TODOROV, 2010, p. 41).

A diferenciação feita pelos conquistadores baseia-se no etnocentrismo europeu exemplificado em dois fatores, o cristianismo e a monarquia universal: o primeiro torna possível julgar a sua cultura cristã como o modelo ideal de credo, e o segundo tem na sua estrutura de poder monárquico, com o auxílio do primeiro fator, um expoente de uma visão de comunidade política com potenciais universais. A religião cristã será a ponta de lança para a disseminação dos valores europeus em território americano. Neste desenrolar histórico, assimilacionismo e superioridade estarão, por vezes, unidos no processo de formação, ocupação e conquista do território, coexistindo ambigualmente em meio a homens que consideravam o Outro seu igual na aptidão à fé, mas diferentes em sua substância humana, o que os tornava inferiores culturalmente, passíveis de conquista e domínio. E por que não de escravidão? O próprio Colombo argumentará em prol disto:

[...] Suas Majestades poderiam dar licença e permissão a um número de caravelas suficientes que para cá se dirijam a cada ano, trazendo o referido gado e outros mantimentos e coisas para povoar o campo e aproveitar a terra, e isso a preços razoáveis, à custa dos transportadores, cujas mercadorias lhes poderiam ser pagas em escravos destes canibais, gente tão feroz, disposta, bem proporcionadas e de muito bom entendimento, e que, se libertos dessa desumanidade, acreditamos que se mostrarão superiores a qualquer outro servo, desumanidade que logo perderão quando estiverem longe de sua terra [...] (COLOMBO, 1998, p. 134).

A ocupação e utilização da terra estabeleciam-se como necessidades fundamentais para a tomada de posse efetiva deste espaço colonial. Para ajudar neste processo, Colombo sugere a troca de mantimentos por homens. A utilização do espaço descartava, desta forma, a alteridade. Os *repartimentos* espanhóis, instituição importada da Espanha, viriam consolidar a subjugação indígena. Não obstante, Colombo fora o primeiro a pensar a escravidão do índio americano. Mas por quê? Primeiramente, notemos que Colombo vê nisso um benefício, não um suplício.

Afastar o indígena de sua terra significava afastar-lhe dos seus costumes e, portanto, das práticas pensadas como “diabólicas”, principalmente a antropofagia ritual. Ao levar o Outro para o “mundo civilizado”, mesmo como reles escravo, Colombo lograva cumprir a vontade divina, a cristianização e aculturação indígena.

O índio é, claramente, o “desumano”. Quando Colombo fala da “desumanidade que logo perderão”, o índio nada mais é, em sua perspectiva, do que um ser humano, tal qual ele, mas não igual a ele. Contraditório? Não em pormenores. O índio é, em si, humano, tal como o espanhol, proprietário de atributos físicos e mentais. Não obstante, é também bestial, pois em suas práticas existem elementos distintos e não toleráveis para o europeu, para Colombo. O Almirante atribui aos mesmos um juízo de valor, tratando-os mutuamente como humanos que podem ser cristianizados eficazmente e, portanto, ir para o céu, mas também como objetos, que podem ser trocados por mercadorias variadas, que abasteceriam a colônia em formação. Voltamos à lógica ambígua que ao atuar, passa a ter intrínseca a si os conceitos de igualdade, vinculado à lógica cristã, e desigualdade, baseado no etnocentrismo europeu. O Outro poderia ser seu “semelhante”; talvez em sua humanidade, mas com certeza não em sua “bestialidade”.

O Outro é materializado. A história da descoberta e conquista da América oferecerá um cenário ideal para a utilização reificada da força de trabalho humana. No caso analisado, do indígena ameríndio. As *encomiendas*, e sua variante na mineração, a *mita*, foram manifestações práticas da negação da alteridade nas relações que se estabeleceram entre europeus e indígenas nos espaços do Novo Mundo. Estes últimos, retirados da sua forma peculiar de vida, trabalho, tempo e crença, se veem coagidos, através da violência, ao trabalho compulsório, à aculturação e à submissão ao conquistador do europeu.

Trocar víveres por canibais: essa é a lógica de Colombo. Ele não os vê como indivíduos humanos tais quais a si que, em virtude das circunstâncias, desenvolveram seus próprios elementos culturais: simbolismos através dos quais atribuem significado à sua existência, sua vida, suas ações. Seus relatos dos índios correspondem a uma

lógica simples: vê os índios como intrínsecos a um espaço que concebe, os pensa com oportunismo, não os compreende. A alteridade fora negada.

### **A conquista do Outro**

A escravidão pressupõe conquista. A conquista é a base sólida na qual se desenvolve a escravidão, seja esta a conquista física, dos meios materiais, do ambiente; seja a conquista do imaginário. Podemos compreender a conquista do ameríndio através da conceituação de Enrique Dussel, que a define-a como

[...] um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como “si-mesmo”. O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a ser incorporado à totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como “encomendado” [...] (DUSSEL, 1992, p. 44).

A conquista apresenta-se como um processo coercitivo que busca assimilar o Outro à realidade do dominador. O europeu tratará de empreender decisivamente a conquista do corpo e do imaginário indígena, encerrando-lhes em uma teia de poderes e domínios, de maneira a influenciar a sua forma de organizar-se espacialmente, sua cosmovisão e seus ritos mais idiossincráticos (GRUZINKI, 2004).

Entretanto, as relações de conquista decorrentes do encontro entre o europeu e o indígena, embora amplificadas nas peripécias de Hernán Cortês, na subjugação dos Astecas no México e nas campanhas de Pizarro contra os incas do Thauantysuio, teve como vetor primeiro a atuação de um navegador genovês; Colombo fora o primeiro conquistador da América (TODOROV, 2010).

Embora o caráter explorador e naturalista tenha caracterizado a primeira expedição colombiana, a retórica da conquista jamais esteve de fora do processo do descobrimento e exploração da América. Colombo era, também, um conquistador, e é como tal que o mesmo sai para sua jornada rumo ao “Oriente”, munido de um ideal de conquista pré-estabelecido. O navegador precisa, antes de tudo, consolidar o domínio de suas possíveis descobertas, e para isso, necessitava da prodigalidade dos Reis Católicos:

[...] mandaram Vossas Majestades que eu me dirigisse, com suficiente frota, às referidas regiões da Índia; e para tanto me concederam grandes

mercês e me enobreceram para que daí por diante me intitulasse “Dom” e fosse Almirante-Mor do Mar Oceano, Vice-Rei e Governador perpétuo de todas as ilhas e terras que **descobrisse e conquistasse** (grifo do autor), e que doravante se descobrissem e conquistassem no Mar-Oceano [...] (COLOMBO, 1998, P. 30).

O Almirante, explorador e navegador, possui também a função de estabelece e propiciar, respectivamente, a conquista e ocupação das terras encontradas em nome do Coroa. Não obstante, não se levanta, nesta peculiaridade da missão de Colombo, a questão relativa à autonomia do índio, por enquanto, ainda desconhecido. A não relevância dada pelo europeu quanto à possibilidade de encontrar povos livres e que não fossem susceptíveis à dominação, prefigurava a atitude que estes mesmos teriam em relação a estes povos, recém-descobertos, no Novo Mundo:

A primeira relação, então, foi de violência: uma relação “militar” de conquistador-conquistado [...] A primeira “experiência” moderna foi a superioridade quase-divina do “Eu” violento-militar que “cobiça”, que deseja riqueza, poder, glória (DUSSEL, 1992: 47).

A descoberta requeria um processo de conquista, a conquista requeria a submissão dos povos encontrados e a submissão desses povos desemborcava na inferiorização dos submetidos, num processo de dominação e opressão, onde o Outro é fortemente materializado e inferiorizado.

O europeu buscará assimilar culturalmente o Outro para torná-lo mais semelhante a Si; enquanto que, de acordo com seus interesses, subjugará o índio por ser inferior a si e, por isso, ser passível de sua dominação. Não é esse o pensamento de Colombo ao propor que “[...] o proveito das almas dos referidos canibais que aqui se encontram inspirou a ideia de que quanto maior o número dos que fossem levados para aí, tanto melhor [...]”, e ao argumentar que “se libertos dessa desumanidade, acreditamos que se mostrarão superiores a qualquer outro servo [...]”?

Ao se chocarem com um conjunto de práticas culturais distintas e, em especial, com a antropofagia, os descobridores passaram a abominar os índios como praticante de tais atos. Isto é recorrente na volta de Colombo a *La Navidad*. Colombo deparara-se com o nativo não dócil, que se insurge contra a violência da conquista, e contra o qual a única solução consistia na subjugação dos seus modos de vida e

perspectivas culturais à cruz e a espada. Para isso e para estes, Colombo e seus sucessores recorreram à escravização, ao domínio coercitivo do Outro<sup>18</sup>. Tais ações seriam legitimadas por possuírem um viés cristianizador e civilizatório.

Colombo fora o predecessor dos conquistadores que posteriormente chegaram ao continente recém-descoberto; fora também o predecessor do explorador, do colono e do missionário que progressivamente vieram com os mais variados desejos para arar, evangelizar e explorar as ricas terras dos ameríndios que, deveras, foram sistematicamente exterminados, expurgados e subsumidos pela ocidentalização dos seus espaços.

Os escritos de Colombo evidenciam a montagem de um quadro de ações e percepções que duraria perenemente. Assim, suas palavras precederem e preconizaram como seria continuamente realizados uma série de contatos entre europeus e indígenas, como também demonstraram a mentalidade dúbia e opressiva que se dogmatizara no pensamento da maior parte dos conquistadores e políticos europeus em relação ao Outro americano: assimilacionismo e diferenciação, inferioridade e bestialidade, violência e coerção, guerra e conquista, exploração e segregação.

## **Conclusão**

O processo de produção de espaços originados da descoberta e conquista do Novo Mundo tem como marco as expedições dirigidas por Cristóvão Colombo a partir do último quartel do século XV. Munido de uma experiência prática com o mar, de um saber geográfico permeado por conhecimentos de caráter hermenêutico, como o mapa de Toscanelli e os autores gregos; mas também de conhecimentos míticos que

---

<sup>18</sup> “Longe do poder central, longe da lei real, todos os interditos caem, o liame social, já folgado, arrebenta, para revelar, não uma natureza primitiva, o animal adormecido em cada um de nós, mas um ser moderno, aliás, cheio de futuro, que não conserva moral alguma e mata porque e quando isto lhe dá prazer. A “barbárie” dos espanhóis nada tem de atávico, ou de animal; é bem humana e anuncia a chegada dos tempos modernos” (TODOROV, 2010, p. 209).

permeavam o imaginário europeu, o Almirante do Mar-Oceano tornou-se o pioneiro no processo de encontrar e pensar um espaço outro, não europeu: o Novo Mundo.

Neste espaço diferente, neófito e deslumbrante, projetam-se mitos, mas para além destes, lida-se com uma realidade objetiva. Levando-a em conta, faz-se necessário pensar pragmaticamente o espaço e seus ocupantes, os povos indígenas. Para tal empreitada, todo um substrato cultural, baseado no etnocentrismo europeu, será utilizado para o desenvolvimento de formas de representar e conceber o Novo Mundo e o ameríndio. Os espaços criados no processo de descoberta e conquista são espaços de luta e de relações de poder. A alteridade inerente a estas relações é negada e descartada como forma de pensar a terra que se descobre e o Outro que a habita. Daí desenrolam-se as mais variadas relações entre europeus e indígenas em torno destes espaços de não-alteridade.

O futuro que as expedições de Colombo prenunciaram seria marcado pela imposição coercitiva de um projeto colonial que se equilibrava entre o usufruto material do espaço e a conversão espiritual dos seus ocupantes. É neste processo que o Ocidente se torna moderno, ao opor a Si, um Outro. A Modernidade nasce de um processo violento de negação da alteridade. O europeu rejeita a alteridade e abraça a coerção, a catequese e a exploração material como pontas de lança de um processo de uma “ocidentalização” dos espaços oriundos da sua expansão.

## Referências

### Fontes

COLOMBO, Cristovão. **Diários da Descoberta da América** – As quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1998.

DOMINGO, Mariano Cuesta (ed.). **Normativa para descubrimientos y ordenanzas del Bosque de Segovia**. Madrid: Colegio Universitario de Segovia, 1994.

### **Referências Bibliográficas**

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **HISTÓRIA DO NOVO MUNDO: Da Descoberta à Conquista, Uma Experiência Européia, 1492-1550**. São Paulo: Edusp, 2001.

DUSSEL, Henrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FERNÁNDEZ-ARMIESTO, Felipe. **Las Americas**. Barcelona: S. L. Constitución, 2004.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo**. História de uma mundialização. Belo Horizonte; São Paulo: UFMG/Edusp, 2014.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A visão do paraíso**. São Paulo: Nacional/ EDUSP, 1969.

LÉVINAS, Emmanuel. **O humanismo do outro homem**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993.

LÉVINAS, Emmanuel **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TUAN. Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva experiencial**. Londrina: Eduel, 2013.

SUBIRATS, Eduardo. **El continente vacío: la conquista del nuevo mundo e la consciencia moderna**. Barcelona: ANAYA e Mario Muchnik, 1994.